

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II
NAS TRILHAS DA PESQUISA: DAS FONTES À ESCRITA DO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
Ciências Sociais



**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II
NAS TRILHAS DA PESQUISA: DAS FONTES À ESCRITA
DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
CIÊNCIAS SOCIAIS**

Editores: Mônica Cidele da Cruz
Isaías Munis Batista
Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira

Capa: Mandala Mandala “Diversidade Cultural” da artista plástica Judite Malaquias.

Diagramação: Layout Gráfica Digital - Cáceres/MT

Revisão Ortográfica: Gráfica e Editora Sanches Ltda

CONSELHO EDITORIAL

Adailton Alves da Silva – UNEMAT
Angel Corbera Mori – UNICAMP
Antônio Malheiros – UNEMAT
Carlos Edinei de Oliveira – UNEMAT
Eunice Dias de Paula – SEDUC/CIMI
Jaime José Zitkoski – UFRGS
João Severino Filho – UNEMAT
Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira – UNEMAT
Lúcia Helena Alvarez Leite – UFMG
Lucimar Luísa Ferreira – UNEMAT
Maria Aparecida Bergamaschi – UFRGS
Maria Aparecida Rezende – UFMT
Mônica Cidele da Cruz – UNEMAT
Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira – UNEMAT

Online - e - Impresso

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

C987t Custódio, Regiane Cristina.

Trabalho de conclusão de curso II: nas trilhas da pesquisa: das fontes à escrita do Trabalho de Conclusão de Curso / Regiane Cristina Custódio. – Cáceres: Layout Gráfica, 2021.
55. p. (Ciências Sociais).

ISBN 978-65-00-25147-0

1. Metodologia Científica. 2. Pesquisa. I. Título. II. Título: nas trilhas da pesquisa: das fontes à escrita do Trabalho de Conclusão de Curso.

CDU 001.891(817.2)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO – BOAS-VINDAS.....	5
UNIDADE I	8
AS FONTES: COMO COLETAR OS DADOS DA PESQUISA?	
UNIDADE II	31
OS CAMINHOS POSSÍVEIS NA ELABORAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	
UNIDADE III	42
A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO: ASPECTOS ESTRUTURAIS E NORMAS TÉCNICAS	
Referências.....	51
BIOGRAFIA DA AUTORA	55

APRESENTAÇÃO – BOAS-VINDAS

Aos acadêmicos da área de terminalidade: Ciências Sociais, muito boas-vindas à 8ª etapa de estudos na Faculdade Indígena Intercultural. É de conhecimento geral que o Ensino Remoto Emergencial (ERE) foi uma maneira encontrada para que pudéssemos desenvolver os estudos e não nos prejudicássemos com a paralisação total das atividades.

Uma nova configuração de mundo se fez necessária em função da pandemia da covid-19, e diante do quadro atual, nossas práticas também se transformaram. Assim, assumimos o compromisso de, coletivamente e de mãos dadas, concluirmos o curso de Licenciatura Intercultural Indígena.

A respeito do ERE, podemos considerar que se trata de uma solução temporária que está viabilizando à comunidade acadêmica, no contexto da Pandemia de covid-19, a possibilidade de manter, dentro das conjunturas possíveis, as atividades de ensino.

O ERE possui características específicas, e, assim, voltamos a colocar em destaque a importância de organizar o próprio tempo para os estudos ligados ao TCC. Acompanharei as atividades, principalmente no período que teremos a disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II, de 17 a 22 de maio/2021, e destaco que é essencial que cada acadêmica e cada acadêmico esteja em contato via plataformas digitais utilizadas para viabilizar o acontecimento da referida disciplina.

Para que o processo educativo em desenvolvimento nesta etapa (que corresponde aos estudos presenciais) produza o seu efeito, é muito importante reconhecer a necessidade de manter o foco e a organização da vida de estudos.

No caderno pedagógico anterior, estudamos métodos e técnicas voltados à organização e à sistematização do processo de estudo, como técnicas de leitura, elaboração de fichamentos, preparação de textos acadêmicos a partir da realização dos fichamentos, e aprendemos a elaborar resumos e resenhas acadêmicas.

Agora, aos conhecimentos construídos na etapa anterior, aprenderemos um pouco mais sobre a realização da pesquisa, principalmente no que diz respeito ao modo como selecionar as fontes que podem ser analisadas para produzir o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Neste caderno pedagógico, disponibilizamos orientações teóricas sobre pesquisa em Ciências Sociais e, também, metodologias para a realização da pesquisa na comunidade. E assim, podemos dizer que o objetivo principal é contribuir com o processo de produção do trabalho de conclusão de curso, bem como com a versão final do TCC.

Este componente curricular está metodologicamente organizado em três unidades.

A primeira unidade tem o título: **As fontes: como coletar os dados da pesquisa?**

Esta primeira unidade traz uma apresentação sobre a pesquisa científica e tem como objetivo contribuir com o conhecimento acerca das técnicas de coleta de dados, e o que pode ser eleito para tornar-se fonte de pesquisa. Nesse contexto serão apresentadas as técnicas de coleta de dados, como o questionário/formulário; a entrevista, pela via da metodologia História Oral; e também a observação sistemática e a importância do caderno de campo.

A segunda unidade tem o título: **Os caminhos possíveis na elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso.**

Após delimitar o tema e construir o problema, o objetivo desta unidade é contribuir com a redação do TCC pensando especialmente na realização da defesa. Nesta unidade, tratamos a respeito da importância da revisão bibliográfica sobre o tema em estudo, e sobre como interpretar, ou seja, analisar os dados, além de apresentar o memorial e a importância de sua realização no contexto do TCC.

A terceira unidade, com o título: **A organização do trabalho de conclusão de curso: aspectos estruturais e normas técnicas**, traz uma abordagem sobre a redação da introdução do trabalho

de conclusão de curso, fala sobre a elaboração e a organização dos capítulos e inclui as normas técnicas. Afinal de contas, o TCC precisa ser pensado sob a perspectiva do conteúdo e da forma.

Sim, é possível realizar um TCC em tempos de pandemia.

Saudações Interculturais!
Profa. Regiane Cristina Custódio

UNIDADE I

AS FONTES: COMO COLETAR OS DADOS DA PESQUISA?

Esta primeira unidade traz uma apresentação sobre a pesquisa científica e tem como objetivo contribuir com o conhecimento acerca das técnicas de coleta de dados, e o que pode ser eleito para tornar-se fonte de pesquisa. Nesse contexto serão apresentadas as técnicas de coleta de dados, como o questionário/formulário; a entrevista, pela via da metodologia História Oral; e também a observação sistemática e a importância do caderno de campo.

Para Lakatos e Marconi (1999): pesquisar é encontrar respostas para questões propostas, utilizando métodos científicos. A pesquisa, na perspectiva das autoras, visa obter compreensões aprofundadas acerca dos problemas estudados. Desse modo, pesquisar requer um planejamento minucioso das etapas a serem observadas, como seleção do tema de pesquisa, definição do problema a ser investigado, processo de coleta, análise e tratamento dos dados e apresentação dos resultados.

Podemos então dizer que há todo um caminho a ser percorrido até a apresentação do trabalho de conclusão de curso, que vai desde o planejamento do projeto, passa pela fase de pesquisas bibliográficas e de campo (para coletar os dados), inclui o momento de análise e a fase final, que é o momento de escrever sobre todo o processo. O trabalho de conclusão de curso reúne todas as fases em uma narrativa textual, que será apresentada a uma banca examinadora. Para além desse “ritual acadêmico”, o trabalho de conclusão de curso é produção de conhecimento.

Antes de falar diretamente a respeito de como coletar os dados da pesquisa que se tornarão fontes, é importante retomar a ideia de que a pesquisa é um processo de descoberta e de invenção criativa para acomodar os elementos teóricos, que são os pontos das leituras que selecionamos para constar como citações no trabalho de conclusão de curso, e os dados da pesquisa de campo.

Construir um trabalho de conclusão de curso é um exercício de organizar ideias, acomodar fragmentos de leituras, comparar, interpretar, refletir e analisar, sempre aliando os dados empíricos da pesquisa de campo aos dados teóricos. Trata-se de uma operação intelectual, como nos ensina Michel de Certeau (2002), e essa operação intelectual possui regras e procedimentos específicos.

O que podemos compreender por dados empíricos? Tudo o que puder ser coletado durante a pesquisa de campo (documentos, fotografias, filmes, jornais: notícias e reportagens, imagens de satélites, mapas, desenhos, esculturas, pinturas, narrativas orais, folhetos de propagandas, cadernos de receitas, diários pessoais, letras de músicas e ritmos próprios da cultura de um povo, de uma determinada época, poemas, contratos, documentos oficiais, as anotações das observações no caderno de campo, dentre outros). Todos esses dados podem se constituir, por meio de uma intencionalidade, em fontes de pesquisa graças ao movimento conhecido como história nova.

Conforme nos ensina Jacques Le Goff (1990) sobre a história nova, esta corrente historiográfica surgiu na França nos anos 1970 e corresponde à terceira geração da chamada Escola dos Annales, que pode ser compreendida como um movimento historiográfico francês surgido durante a primeira metade do século XX.

A historiografia, ou seja, a forma de se escrever a História, passou por grandes modificações metodológicas, que permitiram maior conhecimento do cotidiano do passado, por meio da incorporação de novos tipos de fontes de pesquisa. Assim, nos dias atuais, temos o conceito de fontes bastante ampliado, conforme destacado anteriormente.

Nas palavras de Le Goff (1990):

A história nova ampliou o campo do documento histórico; ela substituiu a história [...] fundada essencialmente nos textos, no documento escrito, por uma história baseada numa multiplicação de documentos: escritos de todos os tipos, documentos figurados, produtos de escavações arqueológicas, documentos orais etc. Uma estatística, uma curva de preços, uma fotografia, um filme ou, para um passado mais distante, um pólen fóssil, uma ferramenta, um ex-voto são, para a história nova, documentos de primeira ordem (LE GOFF, 1990, p. 28).

Assim a história nova como um novo movimento historiográfico colocou em questionamento a historiografia tradicional e apresentou novos e ricos elementos para o conhecimento das sociedades do passado (BURKE, 1992).

E é exatamente neste contexto do novo movimento historiográfico que tem lugar a etno-história, como nos ensina Lúcio Tadeu Mota (2014). Segundo suas palavras:

Nas últimas três décadas, houve crescimento da pesquisa sobre a história das populações indígenas no Brasil, posicionando essas populações enquanto protagonistas e não apenas como vítimas da inexorabilidade histórica de ocupação de seus territórios pelas frentes de ocupação (MOTA, 2014, p. 5).

Para Mota (2014), a etno-história se vale de tradições orais, etnoconhecimentos, elementos da cultura material, dados linguísticos, dados etnográficos e evidências documentais para estudar as transformações nas sociedades indígenas. Ao fazer uso de diversas fontes, a etno-história pode oferecer resultados muito mais significativos.

João Pacheco de Oliveira e Maria Regina Celestino de Almeida, ao escreverem o prefácio do livro “Protagonismo indígena na história”, organizado por Fábio Feltrin de Souza e Luisa Tombini Wittmann (2016), consideram que a presença e a atuação dos

indígenas na história do Brasil na condição de protagonistas vêm sendo cada vez mais evidenciadas por inúmeras pesquisas interdisciplinares, a partir da perspectiva que associa fortemente a história e a antropologia. Outro aspecto a ser considerado é a realização de pesquisas por estudiosos indígenas, como destacou Beatriz Cinta Larga ao escrever sua justificativa de pesquisa (2016):

Quando escolhi este tema para o meu TCC fui motivada pelos relatos de pesquisadores não indígenas que falaram sobre o assunto. No entanto, pesquisar a história do povo *Pandééréj* sendo um não indígena é bem diferente do que pesquisar sendo uma indígena *Pandééréj*. No caso do pesquisador não indígena, ele não tem a possibilidade de realizar uma entrevista com um ancião do povo na língua materna, por exemplo (CINTA LARGA, 2016, p. 7).

E assim, seguindo a reflexão da autora, certamente que a pesquisadora e o pesquisador indígenas desfrutam de uma confiança que pesquisadores não indígenas poderiam levar muito tempo para construir. Para ela, quanto mais existirem estudos realizados a partir da perspectiva indígena, melhor para que a história de um povo seja mostrada por uma visão “de dentro”. E ela conclui o seguinte: “É diferente a história escrita por alguém que faz parte do povo, que é indígena, e a história produzida por um não indígena” (CINTA LARGA, 2016, p. 7).

Como já escreveu Ferreira (2020), sua pesquisa é importante porque investiga, descreve e analisa os fenômenos educativos do seu povo, de sua escola, de seus rituais, da cultura material e da cultura imaterial, do território, dentre outros aspectos.

A cultura material está associada aos elementos concretos de uma sociedade e representa a cultura e a história de sua população. Os bens de natureza material podem ser móveis ou imóveis. Como imóveis, podem ser consideradas as estruturas físicas, cidades históricas, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais. Já

os móveis são os bens que podem ser transportados, como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos, dentre outros¹.

A partir do que foi dito até aqui no que se refere aos instrumentos para coleta de dados e no contexto da indagação “como produzir conhecimento sobre uma realidade da qual fazemos parte?”, apresentamos a seguir alguns conhecimentos a respeito do questionário/formulário de pesquisa².

Questionário/formulário

Como um instrumento essencial na coleta de dados, o questionário é constituído por uma sequência de perguntas organizadas com o objetivo de levantar dados para a pesquisa. Por meio desse instrumento é possível ter acesso às opiniões, crenças, expectativas, situações vivenciadas, aos sentimentos, interesses, projetos de vida e aos valores das/dos entrevistadas/os.

Orienta-se que o questionário tenha perguntas ligadas diretamente aos objetivos da pesquisa. Por isso é importante definir muito bem a pergunta de pesquisa no projeto, o objetivo geral e os objetivos específicos; organizar um plano para que as perguntas sejam dispostas de modo ordenado e em sequência lógica, com o objetivo de dar unidade e eficácia às informações que se pretende obter. Além disso, aconselha-se apresentar primeiro as questões mais fáceis, e após, as mais difíceis e aquelas com respostas de caráter pessoal. Assim, o questionário pode mostrar-se como uma ferramenta bastante eficaz na coleta de dados.

1 Informações disponíveis em: <<https://www.diferenca.com/cultural-material-e-cultura-imaterial>>. Acesso em: 17 abr. 2020. Conferir também material disponível do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN (2012).

2 Uma nota metodológica a respeito dos termos “questionário” e “questionário” se faz necessária. Formulário é um termo geralmente utilizado para designar uma sequência de questões que são formuladas e anotadas por um entrevistador, numa situação face a face com outra pessoa, diferenciando-se, assim, do Questionário, que, por sua vez, é preenchido pela/o própria/o entrevistada/o. Mas as orientações técnicas quanto à sua estruturação são as mesmas. Por isso, ao falarmos de questionário, estaremos também fazendo referência ao formulário (PRETI, 2001, p. 41).

No que diz respeito à apresentação, vale a recomendação de que o questionário seja claro, objetivo (nas perguntas e nas instruções), atraente na apresentação e com espaço suficiente para as respostas. Além disso, antes de aplicar o questionário, devemos ter certeza de que o informante está em condições de respondê-lo.

O questionário irá permitir que os dados sejam coletados para serem posteriormente tabulados e possam ser interpretados e analisados. Nesse sentido, é pertinente destacar que as técnicas que compõem um tipo de pesquisa não podem ser pensadas isoladamente, elas devem estar vinculadas a um referencial teórico. Ainda, outro aspecto pode ser mencionado, esses instrumentos de coleta de dados aqui apresentados ligam-se ao contexto do método qualitativo, e assim, em pesquisa qualitativa, não é usual tabular respostas ou apresentar índices e proporções da presença de eventos, mais importante se apresenta seu caráter explicativo. O pesquisador tem de ter cuidado para não extrapolar o que os dados permitem explicar.

Há duas formas de se construir um questionário, que pode ser aberto ou fechado. O aberto, em geral, destina-se a permitir uma resposta pessoal, espontânea, com riqueza de detalhe, e o fechado trará respostas breves, pontuais com a escolha por alguma das alternativas oferecidas.

Há uma recomendação bastante importante a respeito do modo de formular as perguntas, que não devem ser muito longas, nem induzir as respostas.

Se o questionário para coletar os dados da sua pesquisa vai ser aberto ou fechado, vai depender do que, exatamente, você tem como objetivos de pesquisa.

Exemplo de pergunta para um questionário aberto:

O que você acha do seu curso de Licenciatura em Ciências Sociais?

Exemplo de pergunta para um questionário fechado:

Você frequentou cursinhos? () Sim () Não

Apesar de haver essas duas maneiras de organizar as perguntas, é possível aliar as duas maneiras de perguntar num mesmo instrumento de coleta de dados. Você poderá construir o seu questionário usando as duas formas, com algumas perguntas abertas e outras fechadas, conforme achar que a resposta possa ser mais enriquecedora e esclarecedora, ou até mesmo, solicitar, na resposta fechada, que justifique o porquê da escolha feita. Por exemplo:

O que você acha do seu trabalho?

() Bom

() Ruim

() Mais ou menos

Por quê? _____

Sobre o questionário, é importante levar em consideração se a pergunta é realmente necessária, se ela ajuda a alcançar os objetivos delineados no projeto, se há necessidade de várias perguntas sobre o mesmo assunto, e ainda, se ela é uma pergunta que não dá margem para dupla interpretação. É importante que seja uma pergunta direta, não pode provocar confusão ou indecisão. Antes de aplicar o questionário, recomenda-se que se realize um pré-teste com um grupo pequeno para observar se o grupo que respondeu ao questionário no pré-teste compreendeu

claramente os objetivos do estudo e respondeu às perguntas formuladas de acordo com as expectativas do pesquisador. Se alguma pergunta não ficou compreensível na fase do pré-teste, significa que é necessário realizar ajustes. Daí a importância de realizar o pré-teste antes de aplicar o questionário no campo de pesquisa onde se pretende levantar os dados.

Quanto à apresentação do questionário, ofereça uma apresentação gráfica que facilite o preenchimento e as operações futuras de tabulação das respostas. Caso considere necessário, coloque no início as instruções para preenchimento e, principalmente, uma introdução que justifique ao colaborador a importância da pesquisa, quais seus objetivos e a contribuição que ela/ele pode oferecer. Além disso, é importante esclarecer que o questionário é um instrumento para realizar pesquisa acadêmica e que não tem a intenção de causar qualquer constrangimento.

Ao convidar alguém para participar de uma pesquisa, orientase, do ponto de vista ético, que se apresente um termo de consentimento livre e esclarecido, para que se faça conhecer a respeito de quem pesquisa e, também, sobre a própria pesquisa em si. A seguir, um exemplo de termo de consentimento utilizado na pesquisa: “O Ensino de Língua Portuguesa no século XXI e o ensino Remoto Emergencial/ERE”.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

APRESENTAÇÃO

Meu nome é Ana Luiza de Azevedo, sou acadêmica do Curso de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Câmpus Universitário de Tangará. Estou realizando uma pesquisa sobre **O Ensino de Língua Portuguesa no século XXI e o ensino Remoto Emergencial/ERE**, que tem como objetivo compreender quais os maiores desafios para se ensinar a Língua Portuguesa nos moldes do Ensino Remoto Emergencial. Assim, convido você, como professor/a da disciplina, a participar da pesquisa respondendo a um formulário e concedendo-me uma entrevista. Importante destacar que a realização desta pesquisa só será possível a partir de sua concordância em participar.

ESCLARECIMENTO

A sua participação na pesquisa não oferece qualquer risco pessoal ou coletivo. O objetivo principal é problematizar a questão do ensino no século XXI na perspectiva do ERE, com foco nos desafios encontrados pelos professores da disciplina. As informações concedidas serão utilizadas para fins acadêmicos.

Desde já agradecemos a colaboração.

Atenciosamente,

Ana Luiza de Azevedo

E-mail: analuizaunemat@gmail.com

Telefone: (65) – 99XXX-0000

*******AUTORIZAÇÃO*******

Eu, XXXXX XXXX, portador/a do documento de identidade nº XXXXXXXXXXXXX SSP/MT, aceito participar da pesquisa: **O Ensino de Língua Portuguesa no século XXI e o ensino Remoto Emergencial/ERE** para falar sobre os desafios para se ensinar História no século XXI.

Tangará da Serra, 14/09/2017.

Local

Data

Assinatura

Observe que o termo em exemplo traz a apresentação da pesquisadora, do objetivo da pesquisa, o convite ao possível colaborador e, também, uma breve redação que solicita seus dados, sua autorização e assinatura, além de informações referentes ao local e à data.

O termo de consentimento livre e esclarecido é importante e sua utilização é recomendada. Além disso, podemos considerar, no contexto da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), a presença do Comitê de Ética em Pesquisa, o CEP/UNEMAT, que é um órgão colegiado, interdisciplinar, com funções deliberativa, consultiva, normativa e educativa de natureza técnico-científica, cuja finalidade é “garantir que os projetos de pesquisa que envolvam seres humanos sejam executados dentro dos preceitos da ética em pesquisa”³.

Na sequência, teremos uma apresentação de outra forma de construir os dados para sua pesquisa. Falamos em construir porque as respostas às perguntas realizadas em uma entrevista são, geralmente, guiadas por perguntas que buscam saber algo em específico, ou seja, investigar um tema que está diretamente ligado aos objetivos e ao problema da pesquisa.

A entrevista pela via da metodologia História Oral

Em se tratando da produção do trabalho de conclusão de curso em Ciências Sociais, a realização de sua pesquisa estrutura-se de acordo com um itinerário, ou seja, de acordo com um roteiro, e, nesse caso, o roteiro é o projeto de pesquisa que foi previamente elaborado. É nele que você esclareceu a respeito da delimitação do tema, definiu o problema, os objetivos geral e específicos, construiu a justificativa de pesquisa, indicou o referencial teórico

³ Internamente está ligado à Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação – PRPPG, onde dispõe de espaço e mobiliário adequados ao exercício de sua função. Externamente é ligado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP, uma comissão do Conselho Nacional de Saúde – CNS, que implementa as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas que envolvem seres humanos, além de coordenar os Comitês de Ética em Pesquisa. Informações disponíveis em: <<http://portal.unemat.br/cep>>. Acesso em: 17 abr. 2021.

e o delineamento da metodologia. Diante desse quadro, pode-se considerar que o trabalho de conclusão de curso pode converter-se num importante artefato capaz de dar a conhecer aspectos importantes sobre a cultura⁴ de um povo, de uma etnia, de uma população indígena.

Assim, a história oral pode ser compreendida como uma metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea. Ela começou a ser utilizada nos anos 1950 (após a invenção do gravador), inicialmente nos Estados Unidos, na Europa e, depois, em países da América Latina, e desde então, difundiu-se significativamente entre pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, sobretudo a partir da década de 1970.

No Brasil, a metodologia da História Oral teve início na década de 1970, quando foi criado o Programa de História Oral do CPDOC / Rio de Janeiro. A partir dos anos 1990, o movimento em torno dessa metodologia ganhou evidência. Em 1994, foi criada a Associação Brasileira de História Oral, que congrega membros de todas as regiões do país, que se reúnem periodicamente em encontros regionais e nacionais. Em 1996, foi criada a Associação Internacional de História Oral⁵.

Abordamos a história oral como metodologia porque, dessa forma, ela está um pouco além da técnica da entrevista somente, por colocar sua atenção em aspectos que a técnica não abrange. Falar em história oral como metodologia é considerar de modo amplo os aspectos que vão desde a escolha de quem entrevistar

4 Entende-se por cultura todas as ações por meio das quais os povos expressam suas “formas de criar, fazer e viver” (Constituição Federal de 1988, art. 216). A cultura engloba tanto a linguagem com que as pessoas se comunicam, contam suas histórias, fazem seus poemas, quanto a forma como constroem suas casas, preparam seus alimentos, rezam, fazem festas. Enfim, suas crenças, suas visões de mundo, seus saberes e fazeres. Trata-se, portanto, de um processo dinâmico de transmissão, de geração a geração, de práticas, sentidos e valores, que se criam e recriam (ou são criados e recriados) no presente, na busca de soluções para os pequenos e grandes problemas que cada sociedade ou indivíduo enfrenta ao longo da existência (IPHAN, 2012, p. 7).

5 Informações disponíveis em: <https://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral>. Acesso em: 16 abr. 2021.

até o processo final de transcrição e uso da entrevista, pensando a relação com o entrevistado, a duração da entrevista, o local onde a entrevista será realizada, enfim, são pontos que somente a técnica não abrange.

Segundo Antonio Torres Montenegro (2001), após a concordância do entrevistado em participar concedendo uma entrevista, é importante preencher uma ficha com o seu nome completo, data e local de nascimento, endereço atual e a data em que a entrevista está sendo realizada. Ele orienta que o início de toda entrevista deve ser delineado por uma conversa de esclarecimento com o entrevistado, para que assim “ele compreenda por que, para que e para quem ele está registrando suas memórias” (MONTENEGRO, 2001, p. 149).

A relação deve ser construída com base em respeito mútuo para que se consolide em uma relação de confiança, e o pesquisador precisa esclarecer sobre a importância da participação do entrevistado e sua narrativa no momento inicial de aproximação.

Sobre as perguntas que farão parte do roteiro de entrevistas, o autor nos ensina que elas devem sempre ter um caráter descritivo e evitar qualquer indução ou juízo de valor. Elas podem ser curtas e o entrevistado ou entrevistada precisam considerar que o fundamental são as descrições que realiza ao respondê-las. Perguntas extensas e analíticas devem ser evitadas.

Para Montenegro, todo profissional que se disponha a trabalhar com a memória, registrando-a por meio de entrevistas, precisa estar sensível ao fato de que a fala do entrevistado deve ser absolutamente respeitada. Nas palavras do autor:

Ao entrevistador cabe a obrigação profissional e ética de ouvir tudo o que é descrito com a maior atenção, consciente de que o entrevistado não deve ou não tem obrigação de atender a quaisquer que sejam as expectativas teóricas/metodológicas da pesquisa que então se realiza” (MONTENEGRO, 2001, p. 150).

Esse aspecto apontado por Montenegro (2001) é da maior importância, porque precisamos estar atentos e reconhecer que quem tem expectativas com a pesquisa é quem a realiza. O entrevistado é um colaborador, no caso de quem vai conceder entrevistas nas comunidades indígenas, é um consultor indígena da comunidade, alguém que detém conhecimento e pode contribuir. Sua fala deve ser “absolutamente respeitada”. Por outro lado, há também uma observação de Montenegro (2001) que merece atenção e que diz respeito ao silêncio no momento de realização da entrevista. Segundo o autor:

[...] Um aspecto com que o entrevistador deve aprender a conviver é o silêncio. Diversas vezes o entrevistado se faz calado, no entanto, percebe-se que são momentos de profunda introspecção. Pode-se acompanhar esses momentos aguardando um gesto, um olhar, um sinal do entrevistado para que se retome a entrevista [...]” (MONTENEGRO, 2001, p. 151).

Toda a atenção se volta ao entrevistado no momento da entrevista, que pode ser uma entrevista temática, que aborda prioritariamente a participação do entrevistado no tema escolhido; ou pode ser uma entrevista de história de vida. Essa tem como centro de interesse o próprio indivíduo na história, incluindo sua trajetória desde a “infância até o momento em que se fala, passando pelos diversos acontecimentos e conjunturas que presenciou, vivenciou ou se inteirou” (ALBERTI, 2004, p. 37-38). Para a autora, como são a experiência e as interpretações que se buscam em uma entrevista de história oral, é preciso mostrar ao/à entrevistado/a que não se tem a intenção de alterar ou censurar sua forma de ver o mundo, suas crenças e opiniões.

A história oral como metodologia é mais abrangente que a técnica porque considera inclusive a apresentação física dos entrevistadores. Porque esses cuidados são importantes. A roupa que se usa no primeiro contato com o entrevistado e nas sessões

de entrevista subsequentes produzem avaliações positivas ou nem tão positivas. Assim, escolher a roupa que melhor se adapta à ocasião da entrevista e ao estilo de vida do entrevistado é uma questão de bom senso, observa Alberti (2004).

Para Alberti (2004), o local onde a entrevista será realizada deve ser decidido de comum acordo com o entrevistado. Recomenda-se que a entrevista aconteça em um ambiente que reúna boas condições para sua gravação, tanto quanto possível, que seja um local ao qual outras pessoas não tenham acesso, para que esse seja um momento de concentração, onde entrevistado e entrevistadores possam se instalar confortavelmente.

Sobre a duração de uma sessão de entrevista, Alberti (2004) considera que isso depende da relação estabelecida entre entrevistado e entrevistador e das circunstâncias específicas àquele momento. Em geral, recomenda-se que não deve ultrapassar o limite de 2 horas por sessão. O tempo deve estar adequado à agenda do entrevistado, aos seus limites e à sua disposição física (para o caso de pessoas idosas, o bom senso é fundamental). E o mais importante, segundo a autora, a atenção ao entrevistado deve se dar ao máximo com clara demonstração de interesse para estimular o entrevistado a falar. Olhar constantemente para o entrevistado, gestos e expressões que demonstrem que se está acompanhando seu relato e que ele tem diante de si interlocutores interessados.

Em síntese, abordamos a história oral como metodologia de pesquisa que orienta para a realização de pesquisas com entrevistas gravadas com pessoas que podem compartilhar informações, vivências e leituras de mundo, e após a realização das entrevistas há o processo de transcrição. As entrevistas serão transcritas o mais próximo possível do modo como foi realizada, respeitando-se a originalidade das falas. Somente após a transcrição é realizada a operação intelectual que Verena Alberti (2004) chamou de copidesque, que é a revisão do texto da entrevista tendo em vista a correção ortográfica e gramatical, a clareza, a adequação às

normas editoriais e os cortes para se obter a extensão devida.

Falamos de cortes porque há seleção de trechos da entrevista que são trazidos para o trabalho de conclusão de curso, e do modo como os fragmentos de textos que lemos são selecionados para constar como citação, também as entrevistas têm partes que se adequam mais aos objetivos da pesquisa. Todo o tempo no processo de transcrição e no processo de copidesque, o que se faz é separar, selecionar, organizar, eleger o que é mais adequado para o que se pretende no trabalho de conclusão de curso, em cada um de seus capítulos.

A história oral como metodologia exige rigor teórico e metodológico. Não é apenas a entrevista por si que pode ser considerada História Oral, e essa compreensão é essencial. Falamos de história oral como metodologia, que é algo bem mais abrangente, como explica José Carlos Sebe Bom Meihy (1998):

História oral é um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto e continuam com a definição de um grupo de pessoas (ou colônia) a serem entrevistadas, com o planejamento da condução das gravações, com a transcrição, com a conferência do depoimento, com a autorização para seu uso, arquivamento e, sempre que possível, com a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas (MEIHY, 1998, p. 24).

Já falamos a respeito de planejar todas as etapas, desde o projeto de pesquisa, que tem de trazer a intencionalidade de trabalhar com essa metodologia. E o autor nos ensina a respeito do modo de agir após a realização da entrevista, que consiste em transcrever, arquivar e publicar os resultados. Além disso, o princípio ético está bem marcado nas palavras do autor, que é devolver os resultados ao grupo que gerou as entrevistas.

Após agendar a entrevista, pensar a respeito da escolha do aparelho de gravação, e se apenas a voz será gravada, ou se a/o

entrevistada/o autoriza gravar a imagem. Caso não se tenha um gravador, o celular pode auxiliar nesta etapa da gravação. Assim, poderemos sintetizar as etapas: 1) agendar a entrevista; 2) realizar a entrevista gravando-a; 3) transcrever toda a entrevista o mais próximo possível do que foi a fala da/o entrevistada/o; 4) realizar o copidesque, que são as correções, e essas somente vão acontecer nos fragmentos selecionados para constar no trabalho de conclusão de curso.

Uma recomendação necessária, testar o aparelho antes de começar a gravar, o que pode ser feito antes da entrevista e sem a presença do entrevistado, gravar a sua voz, a data da entrevista e o nome de quem está sendo entrevistado. Essa ação ajuda muito no momento de transcrever a entrevista.

Zago (2003) destaca que a entrevista não deve se limitar à escuta e ao registro de informações, como algo mecânico. Não se trata de simples manipulação de técnicas nem de um encontro qualquer desprovido de objetivos concretos e intencionalidades. Estão em jogo também as relações que se constroem com aquele que narra, e nesse sentido, precisamos pensar sobre questões éticas para o trabalho do pesquisador. É necessário, afirma a autora, “manter uma escuta atenta, interessada” (ZAGO, 2003, p. 305).

Outro ponto importante, a história oral como metodologia de pesquisa oferece uma contribuição expressiva à tradição oral. Por meio dela é possível dar visibilidade ao conjunto de valores sociais, culturais, religiosos e educacionais, veiculados por meio da oralidade, além de ser um caminho para que se conheça a respeito da identidade étnica de uma comunidade (suas características culturais, como língua, religião, costumes, práticas culturais diversas, como alimentação, contato com os não indígenas, conquista do território em que vive etc.).⁶

A história oral trabalha com narrativas de memórias, e todas as

⁶ No que se refere à etnia, Stuart Hall define-a “pelas características culturais – língua, religião, costumes, tradição, sentimento de lugar – que são partilhados por um povo” (1997 p. 67). Pondera que a identidade étnica vai se reconstruindo e reconfigurando ao longo do processo histórico.

narrativas (orais ou escritas, pessoais ou coletivas) são narrativas de identidades, como observou Antoinette Errante (2000). Embora colhidas individualmente, a narrativa faz surgir a dimensão coletiva.

Segundo Jacques Le Goff (1990):

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje [...]. (LE GOFF, 1990, p. 477).

Podemos compreender, do que diz o autor, que as memórias representam a formação da cultura e da identidade de um povo.

Ao escrever o artigo: “Etno-história: uma metodologia para abordagem transdisciplinar da história de povos indígenas”, Lúcio Tadeu Mota (2014) considera que houve, nos últimos trinta anos, um crescimento expressivo da pesquisa sobre a história das populações indígenas no Brasil, em que essas populações aparecem na posição de protagonismo e não apenas como vítimas inertes.

Podemos também considerar que o acesso à universidade tem possibilitado a circulação da memória, da tradição e dos saberes ancestrais, como destaca Maria Aparecida Bergamaschi (2008), ao apresentar algumas reflexões pautadas por pesquisas realizadas por ela em aldeias Guarani e Kaingang, no Rio Grande do Sul, e assim, produz um caminho teórico para compreender como a memória, a tradição e os saberes ancestrais são mobilizados nos fazeres escolares das escolas indígenas que acompanha.

O trabalho de conclusão de curso pode ser considerado como um importante artefato de disseminação da cultura do seu povo e dá a conhecer a sua história, seus costumes, seus conhecimentos, seus saberes ancestrais, seus mitos, sua maneira de ser e de viver, desde o mito de origem (CLOVIS IKPENG, 2016), o modo como se deu o primeiro contato com os não indígenas (CINTA-LARGA, 2016), os ritos de passagem de criança para a fase adolescente e, conseqüentemente, para a fase adulta (TAMÛXI IRANXE, 2016) ou

como nascem as crianças (RINALDO TAPIRAPÉ, 2016).

Além dos pontos que foram mencionados para o uso da metodologia de coleta de dados, nesta unidade, não dá para esquecer que o momento atual solicita cuidados necessários devido ao quadro da pandemia da covid-19. E assim, é importante lembrar que na realização da pesquisa de campo e no contato com os colaboradores da pesquisa é necessário: o uso de máscaras e de álcool, além de guardar uma distância segura, sempre pensando na proteção e na saúde.

Certamente que o seu trabalho de conclusão de curso tem muito a contribuir com a história da sua etnia. Nas próximas linhas, outra forma de construir os dados de pesquisa, por meio da observação.

A observação

Conforme tratamos até agora, a coleta de dados é um processo que tem o objetivo de reunir o máximo de informações possíveis sobre o objeto de estudo. Semelhante à entrevista, a observação é definida, também, a partir do delineamento dos objetivos, da metodologia e do referencial teórico da pesquisa.

Até agora, estamos nos referindo à coleta de dados em pesquisa qualitativa, que, segundo Ludke e André (2012), tem como fonte direta dos dados o ambiente natural e o pesquisador como instrumento-chave. A pesquisa qualitativa costuma ser direcionada e não emprega instrumental estatístico para análise dos dados. Seu foco de interesse é compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e, a partir daí, buscar a interpretação dos fenômenos. Os dados coletados são, na sua maioria, descritivos. Há uma preocupação com o processo e não apenas com os resultados e o produto. O significado que as pessoas atribuem ao mundo ao seu redor e à sua vida nesse mundo é uma questão fundamental na abordagem qualitativa.

Dois lembretes são importantes aqui: primeiro, os dados coletados são, na maioria, descritivos, o que já foi dito. E sob esse aspecto, o caderno de campo é um artefato fundamental para anotar tudo o que for observado no campo da pesquisa.

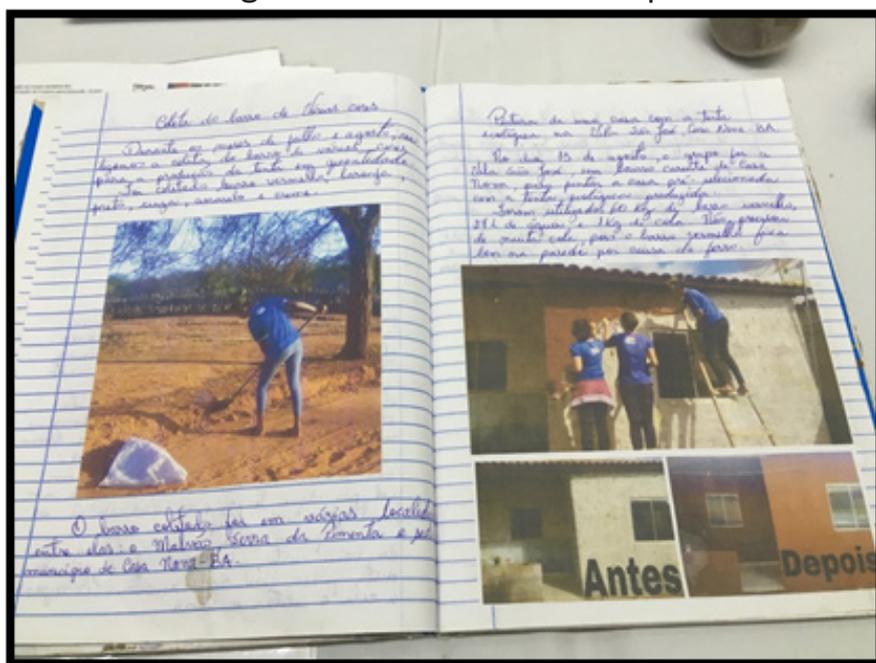
O segundo lembrete se refere ao significado que as pessoas atribuem ao mundo social em que se inserem, e o modo como se veem e veem aos outros é uma questão fundamental na abordagem qualitativa. E sob tal aspecto, os dados construídos por meio da observação com anotações no caderno de campo poderão ser interpretados por meio do referencial teórico da história cultural⁷.

No que se refere ao primeiro lembrete, os dados coletados são, na maioria, descritivos, e por essa razão o caderno de campo tem um lugar inestimável nas pesquisas etnográficas, que se valem da descrição densa de uma cultura, em que o pesquisador observa e discute os sentidos sociais daquele povo-objeto (sujeitos) do estudo na pesquisa que está realizando (GEERTZ, 2008). No caderno de campo podem-se reunir fotografias, desenhos, anotações de entrevistas, de observação do ambiente, ou seja, aspectos ligados aos interesses da pesquisa, aos seus objetivos.

A seguir, apresentamos a imagem de um caderno de campo.

⁷ A partir da década de 1970, teve lugar no Brasil estudos que se valeram (e se valem) da História cultural como teoria interpretativa. Esta, em uma definição geral, reúne as abordagens da antropologia e da história para olhar para as tradições da cultura popular e interpretações culturais da experiência histórica e humana. Nomes expoentes da história cultural, Peter Burke (2008) e Roger Chartier (1990).

Figura 1 – Caderno de campo



Caderno de campo mostra a pintura de algumas casas / Crédito: Cecília Garci⁸

O caderno de campo se constitui como um artefato cultural imprescindível na fase de observação. Nele, você pode anotar as datas de registro das entrevistas que realizou, pode fazer anotações a respeito de como foi o primeiro encontro com os seus entrevistados e pode anotar aspectos ligados ao comportamento do entrevistado no momento da entrevista. Ele sorria muito quando narrava sobre o mito de origem, por exemplo? Ou ele se apresentava mais sério e concentrado? Esses aspectos são importantes na pesquisa qualitativa e o caderno de campo se torna uma fonte com muito mais informações.

Orienta-se que as informações sejam registradas por completo. É importante que você anote os detalhes que considerar importantes, o mais especificamente que lhe for possível. Caso contrário, ao revisar as notas para fazer seu relatório, você não conseguirá se lembrar de coisas importantes. Você pode também anotar a respeito de quem são as pessoas envolvidas em uma dada cena de entrevista, por exemplo. Sim, ao entrevistar as pessoas,

⁸ Disponível em: <https://portal.aprendiz.uol.com.br/2018/10/30/mostratec-2018-projetos-cientificos-tem-como-base-riquezas-ambientais-e-saberes-do-territorio/> Acesso em: 18 abr. 2021.

anote os seus nomes completos e as observações que você faz durante a realização das entrevistas. Isso ajudará você a ter um contexto dos resultados oferecidos pelos participantes da pesquisa. As informações que você anota no seu caderno de campo podem enriquecer, e muito, a sua compreensão sobre o que você está pesquisando e tentando compreender, e, conseqüentemente, vai enriquecer o seu trabalho de conclusão de curso.

Podemos, então, concluir que a observação é um elemento fundamental à pesquisa, desde a fase de formulação do problema até o momento da análise, mas principalmente, na fase de coletar os dados.

Como destacou Oreste Preti (2001), “observar” não é sinônimo de “olhar”. Observar é destacar algo especificamente de um conjunto de pessoas, de animais, de objetos, de saberes, de um ambiente, de um fenômeno, de uma cultura, dentre outros.

Indagações pertinentes podem nos auxiliar: em que consiste uma observação? Como devemos nos portar? Como podemos registrar nossas impressões durante a atividade de observação de campo?

A observação é um importante instrumento de coleta de dados na pesquisa em Ciências Sociais. Em qualquer campo do conhecimento, em se tratando de eleger a técnica da observação para coleta de dados de pesquisa, não se deve perder de vista que observar vai muito além da simples capacidade de ver.

Observar é mais do que simplesmente registrar por meio da percepção aquilo que é produzido por uma sensação. Observar é poder ver e compreender uma situação, é uma atividade que precisa ser aprendida e exercitada. A observação, como a entrevista, possibilita um contato pessoal estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado.

Observar requer organização e definição de objetivos, não é suficiente apenas estar munido de um bloco de anotações. É necessário clareza do que, exatamente, se pretende com a observação em seu contexto de pesquisa.

Ludke e André (1986) consideram que mesmo que dois pesquisadores estejam no mesmo ambiente com o objetivo de pesquisar o mesmo objeto ou os mesmos sujeitos, possivelmente encontrarão elementos que se diferenciem em sua observação.

É muito provável que, ao olhar para um mesmo objeto ou situação, duas pessoas enxerguem diferentes coisas. O que cada pessoa seleciona para “ver” depende muito de sua história pessoal e principalmente da sua bagagem cultural. Assim, o tipo de formação de cada pessoa, o grupo social a que pertence, suas aptidões e predileções fazem com que sua atenção se concentre em determinados aspectos da realidade, desviando-se de outros (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 25).

As autoras avaliam que, para que se torne um instrumento válido e fidedigno de investigação científica, a observação precisa ser, antes de tudo, controlada e sistemática. Isso implica organizar um planejamento cuidadoso do trabalho e uma preparação rigorosa do observador, e sob esse aspecto, o projeto de pesquisa é esse planejamento. É por essa razão que é impossível organizar um trabalho de conclusão de curso sem antes ter elaborado cuidadosamente o projeto de pesquisa com clareza em todos os elementos que o compõem (delimitação do tema, definição do problema, ou seja, da pergunta de pesquisa, eleição dos objetivos, escolha da metodologia). Um projeto de pesquisa bem organizado é meio caminho percorrido para uma pesquisa bem sucedida e um trabalho de conclusão de curso que venha ser uma contribuição ao tema investigado e ao campo a que pertence.

Para as anotações, pode-se fazer uso do caderno de campo, de fichário, ou até mesmo de folhas avulsas, não importa, o que realmente importa é construir dados, e a observação tem efetivamente essa finalidade, mas para que os dados apareçam, as anotações são imprescindíveis. Há ainda outras possibilidades para registrar as informações colhidas durante a investigação.

Pode-se fazer uso de gravadores, de câmeras fotográficas, filmadoras, desde que o uso desses recursos seja autorizado. O que realmente importa é o registro, e, claro, lembrar que após o registro haverá toda a etapa descritiva da ação de observação. Além da descrição, haverá o passo seguinte, que é a reflexão. A etapa reflexiva é aquela em que se fará a interpretação dos dados que foram produzidos por meio do registro do que foi observado.

Na etapa descritiva, como o nome indica, orienta-se que se realize uma descrição de todos os sujeitos envolvidos e também do espaço em que a ação foi realizada (ao ar livre, a casa do colaborador da pesquisa ou a sala de aula?), a estrutura física do lugar, a relação entre pesquisador e pesquisados, o jeito de agir de cada um que esteve presente na cena de observação, o modo de falar, os sorrisos, as lágrimas, as expressões faciais e corporais. Todos esses aspectos serão importantes, principalmente, para o momento da etapa de interpretação dos dados.

Nas linhas seguintes, apresentamos os caminhos possíveis para elaborar o trabalho de conclusão de curso.

UNIDADE II

OS CAMINHOS POSSÍVEIS NA ELABORAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Agora que você já delimitou o tema e construiu o problema de pesquisa, já definiu os objetivos e decidiu sobre o modo como coletar os dados (conforme vimos na unidade anterior), chegou o momento de proceder a outros passos pontuais na elaboração do trabalho de conclusão de curso.

Para o trabalho de conclusão de curso podemos elaborar um artigo ou uma monografia. Aqui, apresentaremos os caminhos possíveis na elaboração de um trabalho monográfico. Para esclarecer o sentido do termo: mono-grafo (do grego) significa um escrito (PRETI, 2001). E é Oreste Preti que explica que:

Monografia é, pois, o estudo científico sobre um tema, sobre uma questão bem determinada e limitada, mas realizada com profundidade e de forma exaustiva, embora esta última exigência seja menor em cursos de graduação e especialização (PRETI, 2001, p. 64).

Como explica o autor acima citado, a monografia é um estudo científico sobre um tema, e ela não pode ser vista como uma tarefa que cause enfado ou angústia, ou como o cumprimento de exigências acadêmicas e que nada tem a ver com as atividades do seu dia a dia. Ela não pode ser considerada como uma ação sofrida, abstrata, desligada de sua prática pedagógica ou de sua vida real.

A monografia pode ser considerada como um momento privilegiado de reflexão, de busca e de compreensão do mundo social em que você vive; um mundo em constante movimento e que passou por inúmeras transformações desde a narrativa inicial de sua existência. Esse mundo social tem diferentes saberes, e

a monografia é uma oportunidade de socialização dos saberes. É a tentativa de procurar nos fatos que estão “aparentemente” isolados, “a sua gênese constitutiva e sua natureza através de um processo metódico e reflexivo” (PRETI, 2001, p. 64-65).

Um ponto que não se pode deixar de considerar ao compor a monografia é colocar-se no texto, ou seja, apresentar o seu memorial.

O lugar do memorial descritivo no trabalho de conclusão de curso

Severino (1996) ensina sobre o que é o memorial descritivo, sobre a sua utilidade e seus objetivos na vida acadêmica.

O memorial nos interessa no que diz respeito à abordagem da trajetória pessoal, tanto no que se refere ao âmbito acadêmico como ao âmbito profissional. Ao definir o que seja o memorial, o autor diz o seguinte:

O Memorial constitui, pois, uma autobiografia, configurando-se como uma narrativa simultaneamente histórica e reflexiva. Deve então ser composto sob a forma de um relato histórico, analítico e crítico, que dê conta dos fatos e acontecimentos que constituíram a trajetória acadêmico-profissional de seu autor, de tal modo que o leitor possa ter uma informação completa e precisa do itinerário percorrido (SEVERINO, 1996, p. 142).

No contexto do trabalho de conclusão de curso, o memorial tem importância à medida que apresenta quem o realizou e sob quais condições, afinal, “a história particular de cada um de nós se entrelaça numa história mais envolvente da nossa coletividade” (SEVERINO, 1996, p. 142). E por essa razão é importante destacar as fontes e as marcas das influências sofridas, das trocas culturais realizadas com outras pessoas, grupos sociais, ou com as situações culturais distintas.

Severino (1996) propõe que o memorial possa:

[...] cobrir a fase de formação do autor, sintetizando aqueles momentos menos marcantes e desenvolvendo aqueles mais significativos; depois deve destacar os investimentos e experiências no âmbito da atividade profissional, avaliando sua repercussão no direcionamento da própria vida; o amadurecimento intelectual pode ser acompanhado relacionando-o com a produção científica, o que pode ser feito mediante a situação de cada trabalho produzido numa determinada etapa desse esforço de apreensão ou de construção do conhecimento e mediante sua avaliação enquanto tentativa de compreensão e de explicação de uma determinada temática (SEVERINO, 1996, p. 142).

A partir do que diz o autor, podemos compreender que elaborar um memorial no contexto do trabalho de conclusão de curso é algo bastante significativo por nos permitir apresentar a nossa trajetória de educação escolar, que compõe a nossa vida pessoal e profissional. Não podemos deixar de considerar que a “nossa história de vida é nossa melhor referência” (SEVERINO, 1996, p. 142).

Para o seu TCC, a proposta é que você elabore um memorial descritivo em uma redação que contemple os aspectos que foram significativos na história de sua vida escolar. Dentre os pontos que podem fazer parte de sua escrita, você pode elencar os seguintes:

Para a introdução, conte um pouco a respeito da sua infância, e nessa redação você pode incluir informações a respeito de como se deu a sua entrada na escola, fale do lugar onde você estudou. Você gostou? Não gostou? Por quê? Lembra-se como foi seu primeiro dia de aula?

Durante a sua trajetória de estudos na infância, fale sobre seus professores. De qual (ou quais) você se recorda? O que mais você se recorda do tempo em que você estudava no ensino primário? Você ficou de exame final alguma vez? Você reprovou? Não reprovou?

Como era a sua escola? Do que você mais gostava na escola? E do que você menos gostava? Você pode organizar a sua redação em aspectos positivos e aspectos negativos de sua vida durante o tempo em que esteve no ensino primário.

Em se tratando do ensino médio, como foi a sua entrada? Foi diferente do ensino fundamental? Por quê? Ou não foi diferente? O que foi mais marcante para você? Como era a sua escola? Fale sobre seus professores, suas amizades, sobre as matérias que mais gostava, sobre as matérias que menos gostava. Os amigos e amigas. Destaque o que você se recordar.

E em se tratando da entrada na universidade? Por que escolheu estudar Licenciatura em Ciências Sociais? Como está sendo estudar na UNEMAT? O que mais você aprecia? O que menos aprecia? Quais são as suas expectativas de futuro?

Oreste Preti (2001) considera que escrever um memorial é uma aprendizagem, e as dificuldades encontradas ao longo de sua escrita não podem causar preocupação. O que importa é que você possa organizar e colocar por escrito o modo como você olha para você, para a sua prática pedagógica, para a sua educação escolar, para o mundo social em que você vive, para os seus alunos, enfim.

Outro procedimento que não pode deixar de ser realizado é a revisão bibliográfica, que será apresentada na sequência.

Estado da arte: a importância da revisão da bibliografia

No caderno anterior trabalhamos sobre a importância do fichamento como instrumento utilizado para aproveitar bem as leituras que fazemos. E assim, pode ser pensado como uma atividade de leitura que permite melhor aproveitamento dos textos lidos durante a revisão bibliográfica, que falaremos a seguir.

A fase da revisão bibliográfica também é conhecida como leitura exploratória sobre o tema, e esta pode ser realizada como passo inicial para identificar o material disponível sobre o seu tema de pesquisa. Você poderá pesquisar em livros, capítulos de livros,

artigos, monografias, dissertações, teses, pode buscar material de leitura em bibliotecas públicas, particulares, em sites da internet.

Você pretende produzir uma monografia. Quantas monografias você leu? Quantos textos sobre o mesmo assunto que você estuda você conhece?

O primeiro passo para estudar um tema é conhecer sobre ele, e nesse contexto, a pesquisa bibliográfica é indispensável. Mas não basta apenas ler o que já foi produzido sobre o seu tema de estudo.

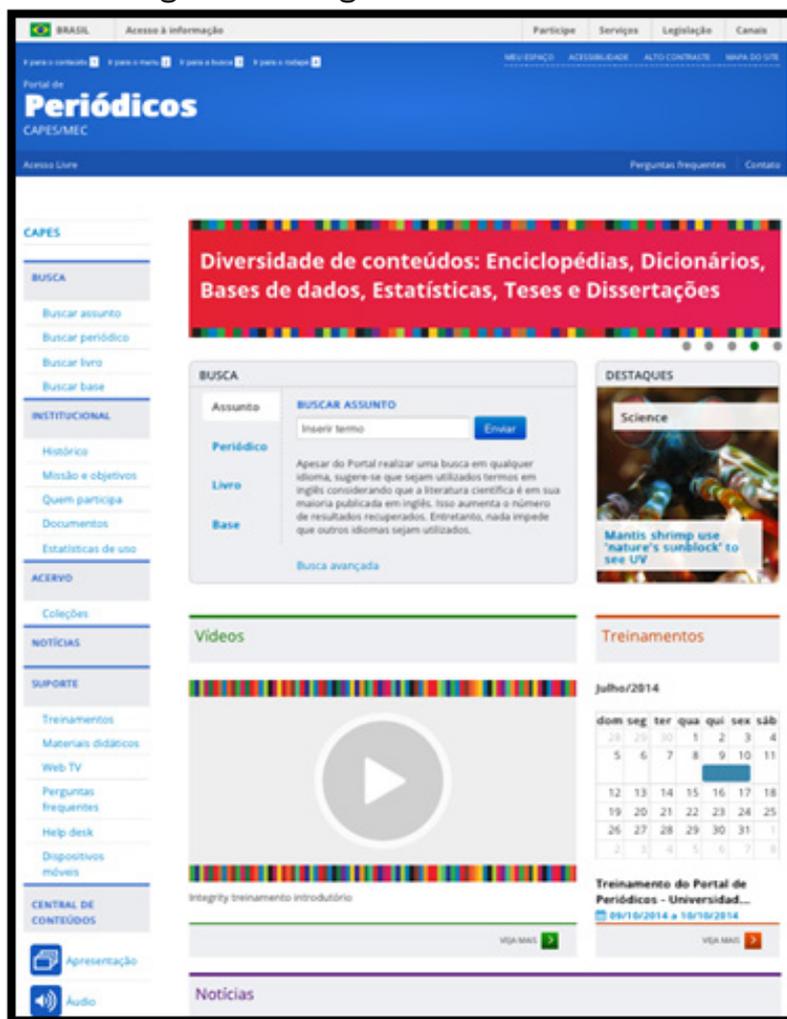
Na realização da revisão de estudos sobre o tema, é importante identificar as aproximações e os distanciamentos existentes entre eles, ou seja, identificar os objetivos, a metodologia e o referencial teórico de cada um deles. Depois, num segundo momento, que pode ser o momento em que você vai escrever, será necessário promover um diálogo entre os autores que você leu.

Somente após realizar uma ampla revisão da bibliografia já produzida sobre o seu tema de estudo será possível que você identifique qual é o diferencial do estudo que você está realizando. Em que, exatamente, o seu estudo se diferencia daquelas produções que já existem sobre o seu tema de pesquisa? Qual a novidade do seu estudo?

Além dos livros e artigos indicados por seu orientador, ou orientadora, você poderá realizar a pesquisa bibliográfica no site da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no endereço: <http://www.periodicos.capes.gov.br/>.

O portal de periódicos da CAPES é considerado a maior biblioteca virtual de informação científica do mundo, e ela está ao seu alcance por meio da internet. Esse recurso precisa ser bem aproveitado.

Figura 2 – Página inicial da CAPES⁹



É possível, também, na ocasião da pesquisa bibliográfica, que se identifique outras fontes de leituras sobre o tema que você está pesquisando, como os jornais, por exemplo.

Ao identificar reportagens de jornais que tratam sobre o seu tema de pesquisa, você poderá perguntar, como o seu tema está sendo tratado nesse artefato cultural, que é o jornal?

Num trabalho de conclusão de curso que envolva o estudo a respeito de uma dada etnia, por exemplo, é possível indagar: como esse grupo social é visto por quem narra? Essa questão remete a uma abordagem teórica a respeito da identidade. E nesse sentido você pode perguntar em seguida: será que o modo como se fala deste povo é a forma como esse mesmo povo se vê? Essas

9 Disponível em:

<https://www-periodicos-capes-gov-br.ez1.periodicos.capes.gov.br/index.php?>

indagações possibilitam uma discussão necessária e interessante.

Michel de Certeau (2002), quando se refere à pesquisa científica no interior de uma operação intelectual, considera que:

[...] um estudo particular será definido pela relação que mantém com outros, contemporâneos, com um “estado da questão”, com as problemáticas exploradas pelo grupo e os pontos estratégicos que constituem, com os postos avançados e os vazios determinados como tais ou tornados pertinentes com relação a uma pesquisa em andamento. Cada resultado individual se inscreve numa rede cujos elementos dependem estritamente uns dos outros, e cuja combinação dinâmica forma a história num momento dado (CERTEAU, 2002, p. 72).

Podemos apreender das palavras do autor que o estudo por nós realizado virá somar com os demais existentes, e será uma contribuição ao que já existe, e nesse sentido, precisamos ter clareza de qual será, efetivamente, a novidade do estudo que realizamos.

Qual a contribuição da sua pesquisa e, conseqüentemente, do seu trabalho de conclusão de curso? Consiste nesse ponto, exatamente, o avanço do conhecimento.

Na fase da pesquisa bibliográfica, tudo o que for identificado a respeito do tema de pesquisa será importante. E você poderá produzir um texto com uma síntese de cada um dos estudos que você identificou, e esse texto irá constar no seu trabalho de conclusão de curso.

Podemos, então, concluir que toda pesquisa necessita da revisão bibliográfica, e é esta fase inicial de levantamento sobre o tema que também é chamada de “o estado da arte”. Tal estado é importante porque permite que se conheça o que já tem produzido a respeito, além de permitir que se construa a fundamentação teórica para a sua produção acadêmica, e, ainda, para justificar os

limites e as contribuições da pesquisa que você está realizando.

Os dados da pesquisa: a importância da interpretação

Após a realização da revisão bibliográfica e da coleta de dados, chega o momento de produzir alguns resultados e tornar conhecido todo o percurso metodológico da pesquisa, além, é claro, de oferecer uma interpretação dos dados coletados, porque somente divulgar os dados não é suficiente. Os dados não falam por si. A produção do conhecimento se torna mais significativa no momento de reunir os dados coletados e interpretá-los, sempre levando em consideração as leituras sobre o tema que foram realizadas no percurso da pesquisa bibliográfica e as escolhas teóricas.

A análise de dados qualitativos é um procedimento que exige criatividade e que solicita amplo rigor intelectual, além de dedicação absoluta.

Não há uma receita específica de como realizar a interpretação dos dados, e não há como indicar qual a forma melhor ou a mais correta. O que se exige é a sistematização e a coerência do esquema escolhido com o que o estudo pretende (PATTON, 1986 apud LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

Segundo as autoras Lüdke e André (1986), após decidir sobre o modo como reunir os dados, é o momento de decidir como iniciar a interpretação. Uma possibilidade é fazer anotações às margens do material que está sendo analisado, e outra possibilidade é construir esquemas e outras formas de sintetizar os dados.

As anotações às margens dos dados podem ser consideradas como um primeiro momento de classificação, e podem conter o tipo de fonte de informação, os assuntos que estavam sendo tratados, o momento e o local das ocorrências (para o caso de uma entrevista, por exemplo). Segundo as autoras:

Depois de organizar os dados, num processo de inúmeras leituras e releituras, o pesquisador pode voltar a examiná-los para tentar detectar temas e temáticas mais frequentes. Esse procedimento, essencialmente indutivo, vai culminar na construção de categorias ou tipologias. A construção de categorias não é tarefa fácil. Elas brotam, num primeiro momento, do arcabouço teórico em que se apoia a pesquisa. Esse conjunto inicial de categorias, no entanto, vai ser modificado ao longo do estudo, num processo dinâmico de confronto constante entre teoria e empiria, o que origina novas concepções e, conseqüentemente, novos focos de interesse (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 42).

Se ficarmos atentos às palavras das autoras percebemos que elas apontam um caminho possível para iniciar a interpretação dos dados da pesquisa. O primeiro passo será sistematizar os dados que foram coletados por meio dos instrumentos de coleta, seja o questionário, a observação ou as entrevistas.

A melhor maneira de sistematizar será encontrada por você, pesquisador/a, juntamente com o orientador (ou orientadora), e nesse momento é que se poderá compreender a importância de adotar um referencial teórico que possa contribuir com o procedimento de análise.

No caso da entrevista, ela nem sempre é trazida na íntegra para constar no TCC, em geral, selecionamos algumas partes que consideramos mais significativas e que estão mais diretamente ligadas aos objetivos da pesquisa. Não são todas/os as/os entrevistadas/os que são boas, ou bons, narradoras/es. Alguns oferecem mais riqueza de detalhes ao narrar, e sendo assim, se faz a escolha por aquelas respostas que são consideradas mais expressivas.

Pode-se também fazer uma seleção por temas e ir agrupando os dados de acordo com eles. Por exemplo, podem-se eleger três

temas: “mito de origem”; “primeiro contato com não indígenas”; “conquista do território”. A partir da eleição dos temas, ficará mais fácil agrupar os dados de acordo com eles.

Uma coisa são os dados coletados, em seu estado inicial, nos instrumentos de coleta. Outra coisa são os dados agrupados no próprio TCC, e a análise que você fará desses dados. Então, o processo de análise pode ser compreendido como tendo duas etapas: 1) encontrar um método para organizar e sistematizar os dados; 2) realizar a interpretação desses dados.

Não podemos perder de vista que estamos falando em pesquisa qualitativa, e esta tem como característica abordar a dimensão social da realidade em um nível que não pode ser quantificado ou reduzido a variáveis quantitativas. Ela nos prepara para estudar os significados, os motivos, as aspirações, as crenças e as atitudes de grupos sociais diversos (DUARTE, 2006; MINAYO, 1994). Ela nos permite um aprofundamento no nível dos significados das ações e relações humanas e possibilita que sejam identificadas as diferentes maneiras de perceber e descrever os fenômenos.

A análise de dados na pesquisa qualitativa se dá na direção de compreender os fenômenos sociais e os modos de ser e de viver de homens e mulheres em diferentes contextos sociais. Interessa conhecer, entender e explicar práticas sociais específicas de determinadas comunidades (indígenas, quilombolas, rurais).

O que importa é o significado que os indivíduos atribuem ao que acontece com eles e com os outros indivíduos. O que se busca é compreender (e explicar) os valores, as crenças, as motivações e os sentimentos humanos, e tal compreensão só pode ocorrer se as práticas sociais forem colocadas dentro de seu contexto cultural.

É comum que tanto no percurso da pesquisa quanto no percurso de análise de dados as dificuldades ocorram, mas é muito necessário que se tenha persistência e dedicação ao estudo, desenvolvendo a compreensão de que o trabalho intelectual é exigente e precisa de atenção. Cada acadêmica/o precisa estar em constante comunicação com seu/sua orientador/a para o

acompanhamento de cada uma das etapas desenvolvidas e, principalmente, no momento de concluir a redação do trabalho de conclusão de curso. É preciso estar atenta/o a todas as etapas. Nessa atenção consiste a sua contribuição para a produção de conhecimento ao seu tema de pesquisa.

A seguir, falaremos sobre os aspectos estruturais do trabalho de conclusão de curso.

UNIDADE III

A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO: ASPECTOS ESTRUTURAIS E NORMAS TÉCNICAS

O produto final do processo investigativo é o relatório de pesquisa, e aqui, no nosso caso específico, é o trabalho de conclusão de curso. A sua forma escrita e os aspectos estruturais de normas técnicas fazem parte da especificidade da produção textual acadêmico-científica.

A redação da introdução do Trabalho de Conclusão de Curso

Após escolher o título do trabalho de conclusão de curso, muitas vezes há dúvidas sobre o que escrever na sua introdução. Uma orientação para organizar esse tópico inicial é oferecer a ele um título. Sim, a introdução pode ser nomeada. Você pode fazer uma apresentação do seu tema, realizar a justificativa de ter feito a escolha por pesquisá-lo e, em seguida, realizar a sua própria apresentação.

Tendo em vista realizar sua apresentação ao seu leitor é que tem lugar as informações que foram escritas no seu memorial, ou seja, uma breve trajetória sua, ou pode chamar de uma minibiografia. É importante que o seu leitor o/a conheça como autor/a.

Você pode fazer constar da introdução do seu TCC o objetivo geral, os objetivos específicos, e indicar a metodologia de pesquisa, bem como, apresentar os principais autores lidos, tanto no que se refere ao método de pesquisa e à coleta de dados, como aos autores que você leu que já pesquisaram a respeito do seu tema.

Você pode, na introdução, marcar a relevância social da sua pesquisa, que contribuição ela traz para o tema, para a sua comunidade, para o seu povo. Todos esses dados já mencionados estão presentes no seu projeto de pesquisa, o que você precisará fazer é trazê-los para a introdução do TCC e aperfeiçoá-los. Adequar

a forma de escrever. No TCC, não se escreve mais expressões como “nesta pesquisa”, e sim “nesta monografia”.

Se o tempo verbal no projeto refere-se a ações que serão realizadas no futuro, o tempo verbal na monografia (TCC) diz respeito a ações que foram realizadas no pretérito (que foi o momento em que a pesquisa de campo foi realizada). Podemos dizer que no momento de escrever o projeto temos liberdade para prometer o que faremos no futuro, e no momento de escrever a monografia, temos de cumprir o que prometemos no projeto. É importante termos atenção a esse aspecto.

É significativo, também, explicar o contexto de sua pesquisa. De que lugar você fala? Geograficamente, onde se localiza?

É conveniente apresentar o lugar do qual você fala, com informações básicas e pontuais. Pode-se ilustrar, por meio de um mapa, a localização desse lugar. Qual espaço geográfico o contexto de sua pesquisa ocupa na conjuntura do Brasil?

A organização dos capítulos

Uma dúvida que assombra quem está escrevendo o trabalho de conclusão de curso é o modo como organizar os capítulos.

A experiência tem mostrado que uma das maneiras produtivas de organizar os capítulos é estabelecer prioridades. Tendo por referência o objetivo geral da pesquisa, é possível separar temas para serem abordados ao longo da escrita.

O que abordar no primeiro capítulo? E o que pode ser abordado no segundo ou terceiro capítulos? A resposta pode ser oferecida pensando na organização do projeto de pesquisa.

O projeto é um planejamento, e nele estão todos os pontos que serão abordados no texto final do TCC. Assim, uma sugestão é compor cada capítulo tendo em vista os objetivos específicos, de modo que cada capítulo possa atender a um objetivo específico, que, em geral, recomenda-se, estão organizados de três a cinco.

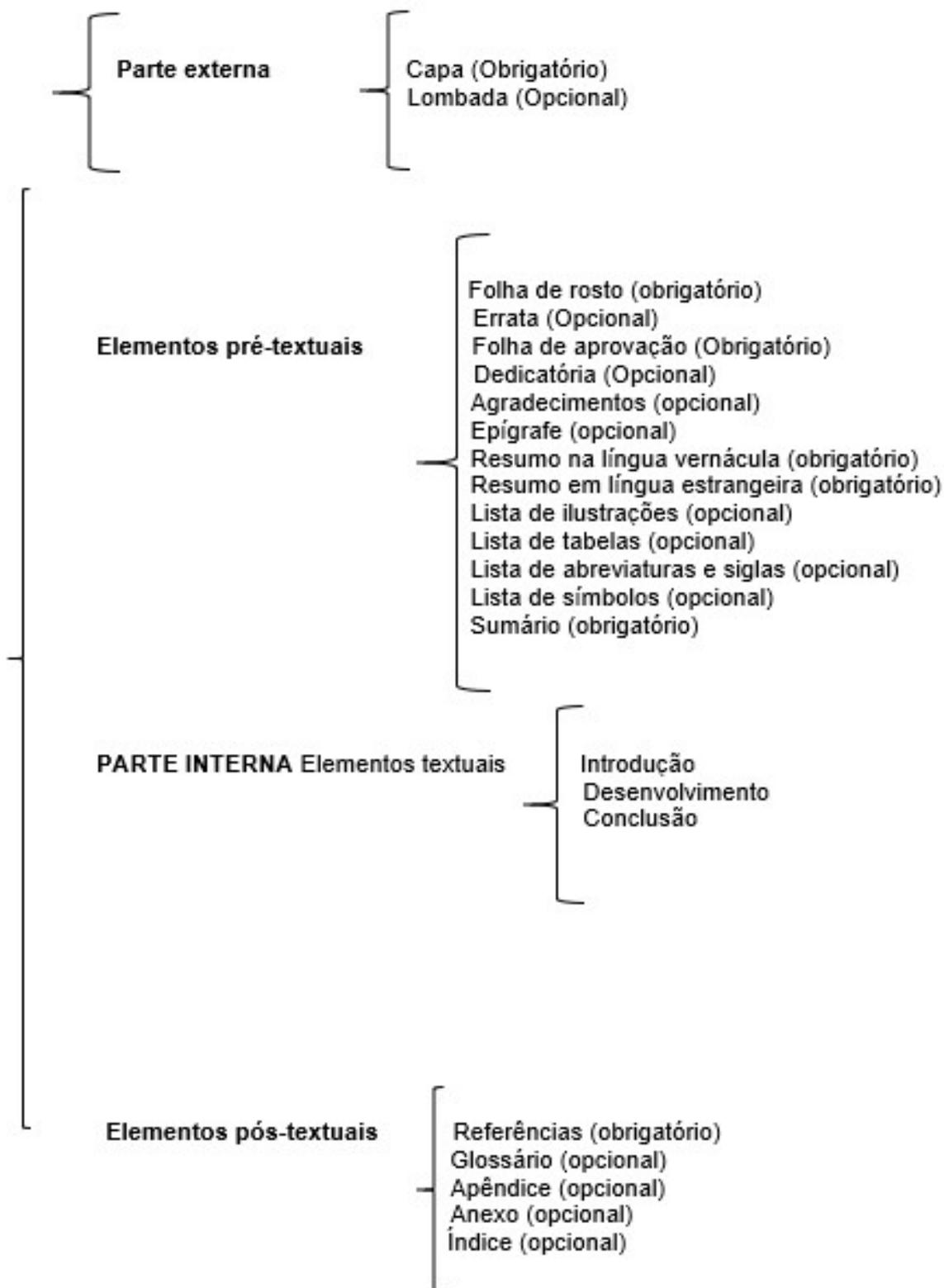
Quando se tem vários objetivos específicos, pode-se escolher

abordar dois dos objetivos a cada capítulo. Mas, claro, trata-se apenas de uma sugestão, a forma mais adequada de organizar os capítulos do seu TCC é sempre dialogada entre você e o/a orientador/a.

Outro aspecto importante no trabalho de conclusão de curso é a sua estrutura, a sua apresentação.

Na sequência, apresentaremos a estrutura do trabalho acadêmico segundo a Norma Brasileira de Referência / NBR 14724 de 2011.

Figura 3 – Estrutura do trabalho acadêmico



Há também que considerar, na estrutura do TCC, as normas técnicas, além dos procedimentos metodológicos da coleta de dados, a sua sistematização e as análises.

As normas técnicas

Sobre as normas técnicas, no que se refere à apresentação dos trabalhos acadêmicos, a Norma Brasileira de Referência / NBR 14724 de 2011 orienta sobre o modo de organizar.

Um aprendizado importante, também, é o modo de apresentar no texto os fragmentos de leituras que selecionamos para constar como citação no TCC. Existem as citações “direta” e “indireta”, que são ensinadas pela Norma Brasileira de Referência 10520 de 2002.

As citações diretas são a transcrição textual dos conceitos do autor consultado. É uma transcrição fiel e exata do original, respeitando-se até eventuais incoerências, erros de ortografia e/ou concordância. Poderá ser colocada a expressão [sic] imediatamente após o erro, o que significa: estava assim mesmo no original.

Na sequência, um exemplo de citação direta com mais de três linhas.

Citação direta longa (com mais de três linhas)

Citações diretas com mais de três linhas são recuadas a 4 cm da margem esquerda.

[...] As representações não são simples imagens, verdadeiras ou falsas de uma realidade que lhes seria externa; elas possuem uma energia própria que leva a crer que o mundo ou o passado, é efetivamente, o que dizem que é. Nesse sentido, produzem as brechas que rompem as sociedades e as incorporam nos indivíduos (CHARTIER, 2009, p. 51-52).

Se a citação direta tiver até três linhas, a forma de apresentá-la será dentro do texto, com o uso de aspas, com indicação do último sobrenome do autor, seguido do ano de publicação e do número da página, exatamente como na citação direta com mais de três linhas que ficará com margem recuada.

Na citação direta curta, o espaçamento entre as linhas deve ser simples, e na citação direta com até três linhas (que ficará entre aspas no corpo do texto), o espaçamento entre as linhas será de 1,5.

Citação direta curta (com menos de três linhas)

A história oral, segundo Paul Thomson, pode ser pensada como a “interpretação da história e das mutáveis sociedades e culturas através da escuta das pessoas e do registro de suas lembranças e experiências.” (THOMSON, 2002, p. 9).

Sobre as citações, vale também observar a forma de referenciar o autor. Em caso de o sobrenome do autor aparecer dentro de parêntesis, a referência se dará de acordo com o exemplo seguinte, conforme a NBR 10520/2002.

Um exemplo de citar em MAIÚSCULAS quando o sobrenome do autor estiver DENTRO de parêntesis:

(SOBRENOME, data, página):

(CHRISTOFOLETTI, 1999, p. 76) – **apenas um autor**

(JUNQUEIRA; CARNEIRO, 1997, p. 89) – **mais de um autor**

(CLEMENTE; SOUZA; COLNAGO, 2001, p. 7) – **mais de dois autores**

(UNESP, 2000, p. 53) – **Instituição**

(SILVA et al. apud FARIAS, 1999, p. 534) – **Citação de citação** (quando um autor cita outro)

Um exemplo de citar o sobrenome do autor em MINÚSCULAS quando estiver FORA de parêntesis, numa frase:

Analisando as dificuldades de padronização das publicações técnico-científicas da UFBA e na UNIFACS, Lubisco e Vieira (2003) elaboraram um manual para normalização destas publicações.

De acordo com a tabela de classificação proposta por Braga e Leonardt (2000, p. 98), este evento não alcançou o nível máximo de importância, conforme argumenta Perroti apud Santos (2001, p. 53).

A NBR 10520/2002 também nos ensina a fazer citação de citação, que é quando um autor faz referência a outro autor e nós não temos às mãos o texto original do autor que foi citado. Então poderemos fazer uso da citação e referenciar adequadamente, conforme o exemplo a seguir:

Apud = citado por, conforme, segundo

Observação: Apud é uma expressão latina que pode ser usada para citar tanto no texto como em notas de rodapé.

EXEMPLOS:

(QUEIROZ, 1999 apud SANCHEZ, 2000, p. 2-3)

Segundo Queiroz (apud SANCHEZ, 2000, p. 2-3) diz ser [...]

Lefebvre, 1983 citado por Coelho (2000, p. 178) propunha em seu método: “.....”.

Para concluir, podemos dizer que escolher quais serão as técnicas de coleta de dados ou qual o tipo de pesquisa a ser realizada, bem como o método, se quantitativo ou qualitativo, começa na fase de escrever o planejamento, que é o projeto de pesquisa. As técnicas que compõem um tipo de pesquisa não

podem ser pensadas isoladamente, é desejável que elas estejam sempre vinculadas a um referencial teórico.

A história oral como metodologia tem um papel importante nas pesquisas do tempo presente porque ela conduz, inescapavelmente, ao terreno dos debates sobre memória, tanto em nível individual como em nível coletivo, segundo propõe Thomson (1997).

Enfim, a investigação científica para compor o trabalho de conclusão de curso permite observar o que já destacara Zago (2003): “não saímos de uma pesquisa do mesmo jeito que entramos, porque como pesquisadores, somos também atores sociais desse processo de elaboração” (p. 308). E isso não importando se o trabalho foi realizado somente por meio de pesquisa bibliográfica, ou se incluiu também a pesquisa de campo. O que importa dizer é que a pesquisa nos oportuniza uma maior compreensão dos contextos sociais que fazemos (ou que passamos) a fazer parte.

ATIVIDADES AVALIATIVAS DA DISCIPLINA TCC II

1) Realizar uma entrevista gravada sobre o mito de origem do seu povo.

Selecionar o entrevistado de acordo com o conhecimento que ele possui sobre o assunto. Apresentar-se e falar sobre a sua pesquisa.

Pedir autorização para gravar a entrevista, gravar e transcrever a entrevista.

2) Escrever o seu memorial descritivo em uma redação que contemple os aspectos que foram significativos na história de sua vida escolar. Dentre os pontos que podem fazer parte de sua escrita, você pode elencar os seguintes: para a introdução, conte um pouco a respeito da sua infância, e nessa redação você pode incluir informações a respeito de como se deu a sua entrada na escola, fale do lugar onde você estudou. Você gostou? Não gostou? Por quê? Lembra-se como foi seu primeiro dia de aula? Durante a sua trajetória de estudos na infância, fale sobre seus professores. De qual (ou quais) você se lembra? O que mais você se lembra do tempo em que você estudava no ensino primário? Você ficou de exame final alguma vez? Você reprovou? Não reprovou? Como era a sua escola? Do que você mais gostava na escola? E do que você menos gostava? Você pode organizar a sua redação em aspectos positivos e aspectos negativos de sua vida durante o tempo em que esteve no ensino primário. Em se tratando do ensino médio, como foi a sua entrada? Foi diferente do ensino fundamental? Por quê? Ou não foi diferente? O que foi mais marcante para você? Como era a sua escola? Fale sobre seus professores, suas amizades, sobre as matérias que mais gostava, sobre as matérias que menos gostava. Os amigos e amigas. Destaque o que você se recordar. E em se tratando da entrada na universidade? Por que escolheu estudar Licenciatura em Ciências Sociais? Como está sendo estudar na UNEMAT? O que mais você aprecia? O que menos aprecia? Quais são as suas expectativas de futuro?

Referências

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. **Povos Indígenas & Educação**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2008.

BURKE, Peter. **A Escrita da História**. Novas perspectivas (Org.). Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira. Etno-história e história indígena: questões sobre conceitos, métodos e relevância da pesquisa. **História**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 349-371, jan./jun., 2011.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano**. Artes de fazer. 7. ed. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2002.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CINTA LARGA, Beatriz. **O primeiro contato do povo Pandééréj do município de Aripuanã**: uma perspectiva indígena. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia Intercultural) – Faculdade Indígena/FAINDI. Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT, Barra do Bugres – MT.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Editora Atlas, 2006. Cap. IV, p. 62-83.

ERRANTE, Antoinette. Mas afinal, A memória é de quem? Histórias orais e modos de lembrar e contar. In: **História da Educação**. Vol.

4 – n. 8, Pelotas: UFPel. Setembro, 2000. p. 141-174.

FERREIRA, Waldinéia Antunes de Alcântara. **Metodologia da pesquisa educacional**: pedagogia intercultural. Cuiabá: VT Print Gráfica, 2020.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

IRANXE, Claudionor Tamuxi. **Cultura indígena**: batizado tradicional do menino Manoki. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia Intercultural) – Faculdade Indígena/FAINDI. Universidade do Estado de Mato Grosso / UNEMAT, Barra do Bugres – MT.

LE GOFF, Jacques. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986. (Temas básicos de educação e ensino).

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 4. edição São Paulo, 1999.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994. Cap. I, p. 9-29.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e Memória**. A cultura popular revisitada. São Paulo, Contexto, 2001.

MOTA, Lucio Tadeu. **Etno-história**: uma metodologia para abordagem transdisciplinar da história de povos indígenas. São Paulo, Unesp, v. 10, n. 2, p. 5-16, julho-dezembro, 2014. ISSN – 1808–1967

NBR 10520. Informação e documentação – Citações em documentos – Apresentação. Rio de Janeiro, ABNT, 29 set. 2002.

NBR 14724. Informação e documentação – Trabalhos acadêmicos – Apresentação. Rio de Janeiro, ABNT, 29 set. 2002.

PRETI, Oreste. **A aventura de ser estudante**. Um guia metodológico. Os caminhos da pesquisa II. 3. ed. rev. Cuiabá: EdUFMT, 2001.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 20. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 1996.

SOUZA, Fábio Feltrin de; WITTMANN, Luisa Tombini (orgs.). **Protagonismo indígena na história**. Tubarão: Copiart; Erechim: UFFS, 2016.

TAPIRAPÉ, Ipawgi Rinaldo. **A gestação de mulheres Apyãwa**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia Intercultural) – Faculdade Indígena / FAINDI. Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT, Barra do Bugres – MT.

THOMSON, Alistair. Reconstituindo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História da PUC/SP**, São Paulo, n. 15, p. 51-84, abr. 1997.

THOMSON, Alistair. Histórias (co)movedoras: história oral e estudos de migração. Tradução de Magda França Lopes. **Revista**

Brasileira de História. São Paulo, v. 22, nº 44, PP. 341-364. 2002.

ZAGO, Nadir. A entrevista e Seu Processo de Construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In: _____; CARVALHO, Marília Pinto de Carvalho; VILELA, Rita Amélia (Orgs.). **Itinerários de Pesquisa.** Perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação. Rio de Janeiro, DP&A, 2003. p. 287-309

BIOGRAFIA DA AUTORA



Regiane Cristina Custódio é graduada em História e Mestre em História pela Universidade Federal de Mato Grosso (2002 e 2005, respectivamente). Possui doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS (2014). É professora adjunta da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT. Professora no Curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória. Membro dos grupos de pesquisa: Núcleo de Estudos de Educação e Diversidade/NEED/UNEMAT e Cultura, Política e Sociedade/CNPq. Tem experiência na área de História, História da Educação e Educação. Atua principalmente nos seguintes temas: Mato Grosso (segunda metade do século XX), colonização, migrações, metodologia história oral, memórias, narrativas, identidades, educação, diversidade cultural e ensino de história.



UNEMAT

Universidade do Estado de Mato Grosso
Carlos Alberto Reyes Maldonado

